

ABORDAGEM HISTÓRICA E EPISTEMOLÓGICA DA PSICOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA COM PROJETO DE ENSINO

Suely Alencar Rocha de Holanda¹

O presente trabalho consiste em um relato de experiência como coordenadora de projeto de ensino relacionado ao estudo histórico e epistemológico da psicologia. Trata inicialmente da importância dessa abordagem para a formação do psicólogo, em seguida considera as dificuldades para o seu ensino, e explicita as condições de realização do projeto. Finalmente, discorre sobre que aspectos do projeto que contribuem para uma melhoria do ensino de graduação e para o incentivo à docência entre os monitores.

OS FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS E A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

No contexto da formação acadêmica dos psicólogos, bem como no seu exercício profissional, algumas questões retornam com insistência, revelando-se difíceis de serem esgotadas. Será a psicologia uma ciência? Haverá lugar para uma ciência do psicológico? Como garantir a validade de suas produções? Qual seria a função primordial e inequívoca do psicólogo? O que o distinguiria dos demais profissionais e garantiria sua identidade? Que lugar deveria ocupar na sociedade em que se acha inserido como profissional?

Seja ao interrogar a legitimidade dos conhecimentos produzidos no contexto da formação acadêmica, seja por denunciar a dificuldade de estabelecer uma identidade profissional consensual, tais questões apontam para a existência de diferenças fundamentais e irreduzíveis entre as teorias que constituem o campo da psicologia, e, portanto, revelam a dificuldade, quiçá a impossibilidade, de

¹ Professora do Departamento de Psicologia da UFRN.

uma convergência ou síntese unificadora (FIGUEIREDO, 1991). Ressalvamos, no entanto, que, se a nenhuma de tais questões corresponderia uma resposta unânime, no esforço de respondê-las, muito já se produziu até aqui.

No que diz respeito à história da ciência, os mais assíduos estudiosos a se ocuparem dela têm sido filósofos da ciência, historiadores e sociólogos. Uns enfatizam aspectos relativos aos pressupostos fundamentais e metodologias, outros, às condições históricas de sua produção e, outros ainda, seus determinantes políticos e ideológicos (KUHN, 1962; STENGERS, 1993). De qualquer dessas perspectivas, sobram críticas contundentes dirigidas à psicologia e aos psicólogos, seja numa denúncia cabal de sua impossível cientificidade, seja apontando seu compromisso histórico com a individualização da sociedade ocidental moderna, ou ainda, o caráter alienado e ideológico de suas teorias e técnicas mais consagradas (PENNA, 1991; CHAUÍ, 1995).

Dentre os autores que se dedicam à história da psicologia, alguns contribuem com relatos de fatos, nomes e considerações sobre influências filosóficas e métodos utilizados. São histórias que seguem uma cronologia linear das escolas e sistemas teóricos da psicologia, sem maiores considerações sobre as condições socioculturais, as implicações ideológicas e conseqüências éticas de suas produções (HEIDBREder, 1981; SCHULTZ; SCHULTZ, 1992). Outros buscam contextualizar o surgimento das idéias acerca do psicológico, bem como os homens que as produziram e interrogar as relações entre estes e as demandas com que se acham comprometidos. Tais estudos evidenciam que muito do que constitui o campo dito de aplicação da psicologia, especialmente no que diz respeito à avaliação psicológica e psicometria, surgiu em resposta a demandas de ajustamento e controle dos indivíduos, no âmbito da sociedade ocidental moderna e plenamente mercantilizada. Revelam, portanto, que a psicologia assume um caráter marcadamente ideológico, ao concorrer para legitimar práticas sociais de dominação (CAMBAÚVA; SILVA; FERREIRA, 1998; FIGUEIREDO, 2004).

Destacamos aqui a abordagem singular de Figueiredo (2002) que considera as condições sócio-históricas, do surgimento

dos projetos de psicologia, como ciência independente, busca uma explicitação dos seus pressupostos teóricos e metodológicos, e interroga as relações entre as vicissitudes do debate epistemológico a partir do advento da ciência moderna e a constituição do psicológico como objeto de investigação.

No Brasil, a profissão de psicólogo foi reconhecida há pouco mais de quatro décadas, embora tenha surgido na prática pelo menos três décadas antes, seja no âmbito das práticas médicas higienistas, em seu movimento de expansão e normatização da vida social (COSTA, 1989), seja na esteira do movimento conhecido como Escola Nova, o qual teria ido buscar, junto às teorias e técnicas da psicologia de então, a legitimação de seus ideais (BOCK, 1999; PATTO, 1993). Portanto, em seus primórdios, a profissão de psicólogo se afirma e se faz reconhecer em nosso país, a partir de um enquadramento marcadamente tecnicista e comprometido com os valores e normas vigentes. Neste contexto, o exercício profissional se caracteriza pelo empenho em responder, de modo cada vez mais eficaz, às demandas sociais que são endereçadas ao psicólogo. Só recentemente é que a bandeira de afirmação da identidade profissional se vincula, no âmbito das entidades de classe e das instituições formadoras, a uma preocupação com o papel social do psicólogo, numa leitura sócio-histórica (BOCK, 1999; YAMAMOTO, 1999).

No entanto, sem que se dê a devida importância ao estudo histórico da psicologia, visando estabelecer relações entre os pressupostos epistemológicos dos diversos projetos que a constituem e as condições socioculturais em que surgem, os psicólogos tendem a permanecer reféns das demandas que lhes são endereçadas, comprometendo-se em satisfazê-las sem maiores questionamentos. Portanto, em nosso entendimento, é, mediante a explicitação dos determinantes sócio-históricos e dos fundamentos epistemológicos de suas referências teórico-metodológicas, que o psicólogo pode vir a reconhecer os limites de suas práticas, bem como interpretar, de um modo crítico e devidamente contextualizado, as diferentes demandas com que se depara no exercício da profissão. Desse modo, ao assumir uma posição mais responsável e consistente,

pode intervir de modo mais criativo e, ao mesmo tempo, mais atento às implicações ideológicas e éticas de sua atuação profissional.

Muito embora uma abordagem histórica e epistemológica da psicologia tenha sua importância reconhecida por vários autores, é de modo ainda muito incipiente que tem aparecido na formação profissional dos psicólogos em nosso país, consistindo em uma ou, quando muito, duas disciplinas dedicadas ao tema.

Digno de nota, no entanto, é o fato de que as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, aprovadas pelo Ministério da Educação (MEC) em 2004, incluem como um dos eixos estruturantes da formação em psicologia os fundamentos epistemológicos e históricos, que, como tal, devem se expressar verticalmente em todo o currículo. Tais diretrizes, elaboradas com a contribuição de vários órgãos, instituições e entidades representativas da psicologia como ciência e profissão, devem ser observadas pelas instituições de ensino superior do país. Sendo assim, essas instituições deram início a estudos e discussões, tendo em vista uma reestruturação de seus cursos de graduação em psicologia. Na UFRN, o novo projeto político-pedagógico foi recentemente aprovado e entrou em vigor no primeiro período letivo de 2007.

O novo projeto político-pedagógico, em seu primeiro período, propõe uma introdução ao campo da Psicologia do ponto de vista de sua constituição como ciência e profissão, a partir de uma abordagem histórica e epistemológica. Para tanto, conta com uma atividade complementar *Espaço Integrativo I*, que visa articular as temáticas abordadas nos módulos: *Epistemologia das Ciências Humanas* e *Fundamentos de Teoria Social e Antropologia*, num primeiro momento, seguidos de *História da Psicologia* e *Ética*. O segundo período, visando um aprofundamento da temática introduzida no primeiro, conta com seis módulos dedicados aos grandes paradigmas que constituem o campo da psicologia: *Comportamentalismo*; *Psicologia da Gestalt*; *Psicologia Cognitiva*; num primeiro momento, logo seguidos de *Psicanálise*; *Psicologia Humanista- Existencial*; e *Introdução ao Paradigma Social*. Há também o *Espaço Integrativo II*, visando uma articulação entre os módulos do segundo período.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Ora, se a temática rapidamente até agora apresentada resulta árida para a grande parte dos psicólogos, que dizer dos efeitos que sua introdução, por mais cautelosamente que a façamos, tende a provocar nos alunos do primeiro período do curso de graduação em psicologia. Sem sombra de dúvidas, a tarefa que compete aos professores desse período é de desfazer ilusões. Mas tal desilusão tem como alvo algumas noções ingênuas e idealizadas: da ciência como um campo convergente de conhecimentos pelo qual se chega à verdade sobre todas as coisas; da psicologia como um campo unificado e consensual de conhecimentos sobre a vida psíquica; e do profissional de psicologia como um prestador de serviço que, ao se entrincheirar nas barricadas da excelência e da eficácia, estaria isento de responsabilidades ideológicas e éticas.

Esse caráter de destituição de certas idealizações, devido à própria especificidade do assunto em tela, responde, em parte, pelas dificuldades com o ensino da disciplina, na medida em que exige um esforço de reflexão crítica, que tende a ser vista com antipatia e relutância, por quem, ancorado no senso comum, identifica a psicologia como prática profissional justificada de antemão e vê seu objeto de forma naturalizada. Sendo assim, a tarefa fundamental de revelar o caráter construído, não universal e não necessário do modo como significamos nossa existência e dos modos de subjetivação disponíveis na sociedade individualizada, a qual opõe o indivíduo à sua coletividade e separa o sujeito de seus objetos, não é facilmente assimilável (FIGUEIREDO, 2000; CAMBAÚVA; SILVA; FERREIRA, 1998).

De outra parte, há o impacto inicial provocado pela mudança do ensino médio para o ensino superior, em que se espera uma posição mais ativa e uma relação mais crítica do aluno com os autores e textos. O ensino médio centrado de modo quase exclusivo em uma transmissão de conteúdos que tem por meta o exame vestibular, tende a retardar o desenvolvimento de uma relação mais reflexiva, investigativa e crítica do aluno com o conhecimento, dificultando sua inserção no contexto acadêmico, no qual os

avanços se fazem mediante questionamentos sistemáticos e bem fundamentados.

Destacamos ainda outros fatores que concorrem para as dificuldades em relação ao ensino dessa disciplina e que dizem respeito às condições pouco propícias: instalações físicas deficientes do setor de aulas, com salas quentes e expostas aos mais diversos ruídos; tamanho das turmas, sempre em torno de cinquenta alunos; e sobrecarga de tarefas que competem ao professor na vida acadêmica atual.

UMA EXPERIÊNCIA COM PROJETO DE ENSINO

A elaboração do projeto de ensino, objeto deste artigo, foi motivada por uma conjunção de fatores: uma convicção sobre a importância de melhorar o aproveitamento dos alunos no âmbito da disciplina *Teorias e Sistemas em Psicologia*, pelas razões anteriormente dispostas quanto à relevância do tema para a formação do psicólogo; uma compreensão acerca das dificuldades enfrentadas pelos alunos, de modo a viabilizar algumas estratégias de solução para as mesmas; e um interesse em promover o incentivo à docência junto aos monitores.

No ano de 2005, a seleção dos projetos de ensino ocorreu com o primeiro período letivo já em curso. Mesmo assim, procuramos inserir de imediato os monitores nas atividades propostas para eles, no âmbito da disciplina acima referida.

Algumas aulas foram planejadas com a participação dos monitores de acordo com as seguintes dinâmicas. Uma vez estabelecido o tema a ser abordado, de acordo com o programa da disciplina, os monitores apresentavam suas compreensões, dúvidas e questionamentos acerca dos assuntos em questão, o que contribuiu para uma visão mais acurada das dificuldades enfrentadas pelos alunos. Essa experiência possibilitou a redefinição de algumas estratégias didáticas que, anteriormente, havíamos empreendido.

Nessas reuniões de planejamento, os monitores eram encarregados de realizar uma busca de referências suplementares em relação ao tema da aula. Essa atividade permitiu um alargamento

da visão sobre o tema, tanto para a professora, como para os alunos, contribuindo ainda para um maior envolvimento dos monitores com a temática geral da disciplina e com os temas específicos de cada aula.

Um dos monitores participou também de algumas aulas com a professora, contribuindo ativamente na discussão dos temas. Essa participação do monitor nas aulas, de modo geral, é muito restrita, dado que, no horário da disciplina envolvida no projeto de ensino, os monitores estão matriculados como alunos em outras disciplinas. No entanto, parece inegável que, quando possível e desde que devidamente conduzida pelo professor, essa experiência resulta em incentivo adicional para o monitor em relação à docência, bem como para o engajamento dos alunos nas aulas.

Outra atividade realizada por cada um dos monitores consistiu em se reunir com os alunos da disciplina, preferencialmente em pequenos grupos e eventualmente de modo individual. Nesses encontros os monitores disponibilizavam apoio aos alunos da disciplina com relação a diferentes tarefas, tais como: levantamento bibliográfico suplementar junto a bancos de dados informatizados e outros; preparação de resenhas de textos; planejamento e elaboração de trabalhos acadêmicos. Ainda por ocasião desses encontros, os monitores procuravam identificar eventuais dificuldades enfrentadas pelos alunos, bem como contribuir com a solução junto à professora.

Constatamos um empenho maior dos alunos nas aulas, especialmente com o planejamento e elaboração dos trabalhos em grupos apresentados no final do período, nos quais cabia a cada grupo apresentar um dos grandes sistemas ou teorias da psicologia, explicitando seus fundamentos históricos e epistemológicos e refletindo sobre suas implicações éticas e ideológicas. Como resultado, tivemos trabalhos com um nível geral de argumentação e discussão melhor do que a média dos apresentados em anos anteriores.

Quanto às disciplinas do segundo período, *Psicologia Humanista-Existencial*, *Psicologia da Gestalt*, *Behaviorismo* e *Psicanálise*, enfrentamos algumas dificuldades na realização do projeto. Destacamos alguns fatores estruturais como: o fato

de serem quatro disciplinas, cabendo a cada monitor trabalhar com duas, o que impunha uma certa dispersão, e a dificuldade de conciliar os horários das professoras com a coordenadora e os monitores. Outros fatores, de caráter contingente, também contribuíram para dificultar as reuniões de planejamento conjunto no segundo período, dos quais destacamos o fato de duas das disciplinas terem sido designadas a professores substitutos, que foram contratados com o período letivo já iniciado.

Em que pesem as dificuldades anteriormente descritas, os monitores revelaram compromisso e empenho ímpares com os objetivos do projeto, mostrando-se engajados e criativos. Digna de nota foi a iniciativa deles de procurar, junto aos alunos, formas alternativas de utilização de um horário, tornado vago, devido ao cancelamento de uma das disciplinas do semestre.

O interesse dos monitores pela docência, já presente na escolha de participar do projeto, consolidou-se mediante essa experiência, o que se confirmou melhor pelo fato de dois monitores participantes desse projeto terem prestado exame de seleção para o programa de mestrado do Departamento de Psicologia da UFRN.

Atualmente, estamos no segundo ano de desenvolvimento desse projeto de ensino, procurando melhorar os aspectos que foram considerados deficitários em nossa avaliação do ano anterior, resolvendo as dificuldades que então enfrentamos.

Essa experiência inaugural como coordenadora de um projeto de ensino, supera, em muito, nossas expectativas, quanto ao modo como contribui para um exercício mais acurado de nossas atividades como docente. Isto se deve ao proveitoso trabalho com os monitores, que nos instigam a repensar e a rever nossas estratégias e argumentos.

REFERÊNCIAS

- BOCK, A. M. B. A psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 4, n. 2, 1999.
- CAMBAÚVA, L. G.; SILVA, L. C.; FERREIRA, W. Reflexões sobre o estudo da história da psicologia. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 3, n. 2, 1998.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- _____. **Revisitando as psicologias**: da epistemologia à ética nas práticas e discursos psicológicos. 3. ed. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. **Psicologia, uma (nova) introdução**: uma visão histórica da psicologia como ciência. São Paulo: EDUC, 2000.
- _____. **A invenção do psicológico**: quatro séculos de subjetivação 1500-1900. 5. ed. São Paulo: Educ; Escuta, 2002.
- HEIDBREDER, E. **Psicologias do século XX**. 5. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1993.
- _____. **Psicologia e ideologia**: uma introdução crítica à psicologia escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.
- PENNA, A. G. **História das Idéias Psicológicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I **A nova aliança**: metamorfose da ciência. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

STENGERS, I. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: 34, 2002.

YAMAMOTO, O. H. Trinta anos de SEPA, trinta anos de psicologia no Brasil. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 1, n. 1, 1996.